



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à NTV

Istambul (Turquia), 21 de maio de 2009

Jornalista: Senhor Presidente, bem-vindo à Turquia. O senhor é o primeiro presidente brasileiro a visitar o país. Bem-vindo novamente e muito obrigado por esta entrevista. Minha primeira pergunta é: como o senhor se define e como define sua posição política - socialista, social-democrata, (incompreensível)? Como o senhor se descreve?

Presidente: Olha, eu há muito tempo percebi que um Presidente da República não pode ter um rótulo (incompreensível) ideologicamente. Até porque eu tenho que governar o Brasil para todos (incompreensível). Entretanto, do ponto de vista ideológico eu me considero um socialista. Eu pertenço a um partido político que nunca se definiu por um modelo socialista porque não conseguimos encontrar o modelo que fosse adequado àquilo que era. Por isso que a gente dizia que o socialismo (incompreensível) era do trabalhador. Portanto nós somos um partido em construção ideológica (incompreensível), nós somos um partido que tem diversos grupos políticos e nós conseguimos (incompreensível). Pessoalmente, eu me considero socialista, agora como governante eu me considero pragmático, eu faço aquilo que é possível fazer (incompreensível) e aquilo que é necessidade e vontade do povo brasileiro.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: (incompreensível) Paraguai, até onde eu sei (incompreensível). (incompreensível) em El Salvador, presidente da República. Então as coisas mudaram e mudaram para melhor, e eu acho que é bom para a América Latina e é bom para o mundo. Eu espero que o mundo tenha uma visão menos



conservadora e os setores mais progressistas da sociedade comecem a (incompreensível) os seus partidos.

Jornalista: (incompreensível). Olhando 6 ou 7 atrás, o senhor teve dificuldades sérias (incompreensível) com o FMI. Mas o senhor superou todos esses problemas. Qual foi sua fórmula, como o senhor conseguiu?

Presidente: Olha, nós definimos que em política econômica não existe mágica. O que existe é seriedade no comportamento dos governos com relação à crise econômica, muita seriedade na política fiscal, muita seriedade nos gastos, definição de prioridades daquilo que a gente quer fazer, e nós definimos a área social como uma área prioritária. Nós já conseguimos elevar (incompreensível) de brasileiros para participar da classe média brasileira. Não devemos nada ao FMI. Pelo contrário, hoje nós somos credores internacionais, nós somos credores do FMI. Porque nós resolvemos que um país só é dono do seu destino quando ele age com soberania, e o Brasil conseguiu atingir um patamar de credibilidade que eu acho que todos os países do mundo queriam conseguir. Nós, hoje, temos US\$ 207 bilhões de reservas, não devemos nada a nenhuma instituição multilateral de financiamento. A economia brasileira está sofrendo a crise, mas sofre menos do que os países ricos. Esse mês de abril nós tivemos um saldo extraordinário, com a criação de 106 mil novos empregos no Brasil, o que é uma novidade no mundo, que está tendo muitos desempregos. E eu estou convencido de que nós sairemos dessa crise neste ano e vamos começar 2010 (incompreensível).

Acho que o problema não é só o Brasil. O problema é que vários países do mundo (incompreensível). A China tem uma importância extraordinária na economia mundial de hoje. A Índia tem uma importância extraordinária, a Turquia tem uma importância extraordinária. Um país de quase 80 milhões de habitantes tem que ter uma inserção maior em (incompreensível) políticas



econômicas. A nossa participação, Turquia e Brasil, no G-20 é uma coisa extremamente importante, porque significa que países que antes estavam fora das discussões de políticas econômicas do mundo, que eram definidas apenas pelo G-8, hoje são chamados para dizer o que pensam e mudar documentos, de colocar coisas novas nas discussões. Então, é um fato inusitado.

Eu penso que o Brasil aprendeu a ser soberano, aprendeu a se respeitar. O Brasil não é submisso a nenhum país. O Brasil não quer ter hegemonia com relação a nenhum país, mas não queremos ser tratados como se fossemos um país de segunda categoria. Queremos ser tratados em igualdade de condições. Isso vale para os Estados Unidos, vale para a Turquia, vale para a Arábia Saudita, vale para a Venezuela, vale para qualquer país do mundo. Queremos uma relação de parceiros e não uma relação de intromissão como habitualmente as economias ricas costumavam fazer com os países menos ricos.

Jornalista: Pelo que entendi, o senhor não tem nenhuma fórmula mágica para (incompreensível), o senhor muda as táticas para superar os obstáculos. Vamos falar das relações do Brasil com a Turquia. (incompreensível) o Brasil e Turquia também vivem crises similares. (incompreensível).

Presidente: Antes, deixa eu repetir um pouco aquilo da mágica. A mágica que nós fizemos no Brasil foi definir de que lado nós estávamos e para quem nós queríamos governar. Embora nós nos definamos como governo de todos, nós temos prioridade em ajudar as pessoas mais pobres da população. Por isso, criamos um programa chamado Bolsa Família, que atende hoje 11 milhões de famílias. Por isso, criamos um programa chamado Luz para Todos, para levar energia elétrica aos lugares mais distantes do País e atendemos hoje 10 milhões de pessoas. Por isso, nós criamos políticas de favorecimento aos trabalhadores que ganham salário mínimo. Ou seja, recuperamos em 97% de



aumento real para os trabalhadores que ganham salário mínimo. Nós elaboramos um programa de desenvolvimento no Brasil, que significa um investimento, até 2010, de US\$ 304 bilhões, e mais US\$ 200 bilhões (incompreensível) 2013. Nós definimos um programa habitacional para construir 1 milhão de casas próprias. Nós criamos um empréstimo consignado para os trabalhadores pobres, para os aposentados, que não tinham o direito de entrar em bancos. Agora podem entrar nos bancos, tomar dinheiro emprestado a taxas de juros mais baratos.

Então, nós temos essa mágica, ou seja, priorizar os segmentos mais necessitados da sociedade brasileira, e isso não implicou que os empresários tivessem prejuízo, pelo contrário. Os empresários nunca ganharam tanto dinheiro no Brasil como ganharam no meu governo. Porque inclusive nós geramos e treinamos 10 milhões de postos de trabalho no Brasil. Nós temos uma política agrícola muito forte para as famílias... para os trabalhadores que vivem da agricultura. Nós fizemos uma reforma agrária, em que desapropriamos 45 milhões de hectares de terras. Nós estamos financiando 100 mil tratores para os pequenos agricultores. Então, nós fizemos essa mágica.

Eu acho que Brasil e Turquia têm potencial para continuarem fazendo isso. Só tem sentido governarmos os nossos países, se nós conseguirmos fazer a política de desenvolvimento de um país resultar em benefício para as pessoas mais pobres. Essa é a lógica de um governo. Não é governar para os ricos, que não precisam do Estado. Quem precisa do Estado são os pobres, porque o governo tem que oferecer educação, tem que oferecer saúde, tem que cuidar de aposentadoria para as pessoas mais pobres, tem que cuidar de habitação, de transporte. As pessoas pobres precisam do Estado. Então, eu penso que essa mágica todos os governantes podem fazer, para que tenham essa definição e essa disposição de fazer essa mágica.

Turquia e Brasil têm um potencial extraordinário. A Turquia, porque tem



uma boa participação em uma parte do mundo, o Brasil tem uma boa participação em outra parte do mundo. A Turquia tem o privilégio de ser Europa e de ser um país asiático ao mesmo tempo. A Turquia tem uma extraordinária relação com o Oriente Médio. Portanto, há um potencial. Por que eu vim à Turquia? Eu vim à Turquia, porque faz 134 anos que veio aqui o imperador Dom Pedro II, em 1875. Eu fico pensando como é que o Brasil, tem um país como a Turquia, com a importância econômica que tem a Turquia, com inserção em dois continentes, e o Brasil nunca veio aqui.

Então, eu vim aqui para que a gente possa dizer ao Presidente da Turquia, ao Primeiro-Ministro, ao (incompreensível), à imprensa turca, que o Brasil é um país de 190 milhões de habitantes, que o Brasil não é um país somente da Amazônia. Que o Brasil produz aviões, que o Brasil produz carros, que o Brasil produz celulares, que o Brasil produz coisas muito sofisticadas, e que a Turquia também produz. Nós precisamos estabelecer entre nós um encontro da (incompreensível) da Turquia e do Brasil, porque nós temos, hoje, uma balança comercial de US\$ 1 bilhão e 100 milhões? É pouco. Nós podemos chegar a 5 bilhões, a 6 bilhões, a 7 bilhões, na medida em que nós nos conheçamos melhor. Nós temos a Petrobrás, investindo aqui na Turquia, tentando achar petróleo no Mar Negro. Nós temos uma política de biocombustível, o etanol (incompreensível). A gente pode trocar conhecimentos com a Turquia, e fazer com que a Turquia se desenvolva mais e o Brasil se desenvolva mais. O Brasil pode ser a entrada da Turquia na América do Sul, no Mercosul. É em tempos de crise que nós precisamos ser mais ousados. Nós não podemos ficar fazendo aquilo que nós fazíamos no século passado. Nós temos ser mais arrojados. Tentar procurar novos parceiros, tentar procurar novos investimentos, que os empresários (incompreensível). Que a economia Nós não podemos ficar dependendo da Europa ou dos Estados Unidos, da China agora. Nós precisamos diversificar os países com quem nós temos relações e é por isso que eu estou aqui, prazerosamente, para conhecer



Istambul, que é uma cidade que, pelo menos há 40 anos eu sonho em conhecer, e estou conhecendo hoje.

Jornalista: O senhor falou da sua fórmula, de como o senhor superou (incompreensível) com o FMI. Que tipo de relação o senhor tem (incompreensível).

Presidente: O presidente do FMI, na época, era um espanhol chamado (incompreensível). Ele não acreditou quando eu pedi para o meu ministro da Fazenda ligar para ele, e dizer que nós queríamos devolver US\$ 15 bilhões ao FMI, que nós não queríamos mais dinheiro do FMI, e ele não queria que nós pagássemos. “Não precisa pagar, não. É importante ficar com o Brasil”. Eu falei: não queremos usar o dinheiro, nós não queremos... Eu passei 20 anos da minha vida carregando faixas na rua, fazendo protesto “Fora FMI”. Eu não poderia, então, sendo presidente da República, ficar com o FMI. Então, eu tomei essa decisão: pagamos o FMI, não devemos nada. Eu acho que todos os países podem fazer.

A crise, essa crise que está exigindo do Estado uma política diferente da crise dos anos 80, em que tudo se relacionava a fazer um grande ajuste fiscal, a diminuir o papel do Estado, a mandar funcionário público embora. Essa crise, pelo contrário, está exigindo que o Estado faça investimentos. O Obama está anunciando investimentos em infra-estrutura. O Brasil tem um programa de US\$ 304 bilhões. Esse é o momento para a gente investir em ferrovias, em estradas, em pontes, em habitações, em escolas, porque nós precisamos gastar dinheiro e gerar emprego, e aí o Estado tem um papel importante.

Eu, obviamente, acho que o fato de nós exigirmos do G-20 colocar mais dinheiro no FMI para que o FMI possa emprestar para os países mais pobres e emprestar sem condicionalidades, porque uma das exigências que nós fizemos no G-20 é que o FMI não pode mais emprestar dinheiro e querer determinar as



regras da economia dos países em quem ele emprestou dinheiro e não dar palpite na economia dos países, para que os governantes tenham soberania e pensem em si como melhor administrar das suas economias. Agora, não tem nenhum problema alguém pegar dinheiro emprestado do FMI se estiver precisando. Se o Brasil estiver precisando, também vai pegar. Mas nós não queremos agredir ninguém.

(incompreensível) porque eu passei os anos 80 vendo chegar delegações do FMI no Brasil para dizer o que nós deveríamos fazer, o que tinha que fazer, que tipo de ajuste fiscal tinha que fazer, isso nós não queremos.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Olha, a Petrobrás é uma empresa que detém a melhor tecnologia para prospecção de petróleo em águas profundas. Agora mesmo, no Brasil, nós descobrimos petróleo na camada pré-sal. É um petróleo que estava a 6 mil metros de profundidade. Você tem 2 mil metros de lâmina d'água, você tem 2 mil metros de rocha, você tem 2 mil metros de sal, e lá embaixo está o petróleo. No dia 1º de maio começamos a explorar o primeiro petróleo do pré-sal. Vamos começar a explorar, fazer o que der (incompreensível), até que a gente comece a explorar como produção comercial.

O mesmo pode acontecer aqui na Turquia, mas não apenas na área do petróleo. Pode acontecer na área da energia renovável, do etanol, do biodiesel; pode acontecer na área da aviação. Nós estamos trabalhando para construir um avião de carga para substituir o Hércules, e nós queremos que a Turquia tenha parceria com a nossa empresa, a Embraer.

Essa minha vinda para conversar com empresários aqui é para tentar descobrir oportunidades. No que os empresários turcos podem investir no Brasil em parcerias com empresas brasileiras, e no que as empresas



brasileiras podem investir na Turquia, em parceria com empresas turcas. Ou seja, essa relação extraordinária é que nós queremos criar entre a Turquia e o Brasil.

Eu espero que depois dessa minha visita aqui nós façamos funcionar uma comissão especial, coordenada pelo meu Ministro das Relações Exteriores e pelo Primeiro-Ministro da Turquia. E que os empresários comecem a viajar, os empresários brasileiros virem para cá, a Turquia tem um vôo direto para São Paulo, o que é extremamente importante, porque eu tenho certeza que muitos brasileiros virão visitar a Turquia, ou seja, conhecer esta extraordinária cidade, este extraordinário país, e eu tenho certeza de que muitos brasileiros vão querer conhecer o Brasil, sobretudo conhecer as praias, conhecer a beleza natural do Brasil.

Então, nós estamos começando um novo tempo na relação Brasil e Turquia, e eu estou muito otimista. Estou vendo que daqui a alguns anos nós seremos parceiros muito fortes.

Jornalista: (incompreensível) e o Obama disse que o senhor é o líder mais popular do mundo e que vocês são amigos próximos. Quais são suas expectativas [em relação ao governo Obama]?

Presidente: Primeiro, é uma questão de intuição. Eu olho a cara do presidente Obama – ele é muito jovem – e eu tenho uma expectativa muito grande de que ele mude a relação que os Estados Unidos têm com os outros países, sobretudo na América Latina, que não seja aquela política (incompreensível), que não seja aquela política de exercer uma hegemonia com relação aos outros países. Eu vejo como os Estados Unidos devem construir parcerias com os países da América Latina, e com os países do mundo. Eu acho que o Obama pode, e a Turquia pode ajudar a gente a resolver o problema do Oriente Médio, que é uma parte do mundo (incompreensível). E eu acho que o



Obama representa essa grande possibilidade de estabelecer uma nova relação dos Estados Unidos com o mundo. Não aquela relação de um país hegemônico, de um país que tem ingerência. Não. A construção de parcerias, a construção de uma outra relação mais civilizada, mais democrática, onde o embaixador americano não dê palpite na política interna de cada país. Isso é possível, eu vejo no Obama possibilidade. Por isso é que eu digo que eu rezo pelo Obama mais do que por mim. Também por causa da crise econômica, que a crise econômica lá é muito mais delicada do que no meu país. Ele tem um problema maior do que eu tenho e, portanto, sabemos que se ele resolver o problema da crise dele, ele vai estar ajudando o Brasil, ele vai estar ajudando a China, ele vai estar ajudando a Europa, a Europa vai estar ajudando todos nós. Por isso eu rezo, rezo para ele resolver logo o problema da crise para dar tranqüilidade à Turquia, para dar tranqüilidade ao Brasil.

Jornalista: Tenho mais duas perguntas. (incompreensível)

Presidente: Eu disse, na verdade que, se ao terminar o meu primeiro mandato, eu tivesse garantido ao povo brasileiro comer três refeições ao dia, eu poderia morrer tranqüilo, e isso aconteceu. Isso aconteceu porque não existe, na história do Brasil, nenhum governo que tenha [tido] a forte política social que eu (incompreensível). Nós sabemos que precisamos fazer muita coisa ainda, porque o descaso de séculos com as pessoas pobres, a gente não consegue recuperar em quatro anos ou oito anos. A gente só consegue recuperar isso ao longo de duas, três, quatro décadas, para dar um padrão de vida digno a todo o povo brasileiro. As bases estão assentadas para isso, o Brasil está preparado para isso. Se não fosse essa crise que está acontecendo agora, o Brasil, certamente, neste ano, teria gerado por volta de 3 milhões de novos postos de trabalho, porque no ano passado, em dez meses, nós geramos mais de 2 milhões de postos de trabalho.



Então, eu acho que o Brasil está preparado para virar uma grande economia. Estamos preparados para isso. Eu acho que em mais alguns anos o Brasil estará participando do rol dos países definitivamente desenvolvidos.

Jornalista: O senhor (incompreensível) futebol. O senhor não pode ir à final da Copa (da UEFA).

Presidente: Eu não fui ao final da Copa porque eu cheguei com o fuso horário da China. Portanto, na minha cabeça já era uma hora da manhã, e eu estava muito cansado, eu preferi dormir. Eu vou falar um pouquinho de futebol. Eu gosto futebol. (incompreensível), que tem seis anos que vive aqui na Turquia, e eu sei que um jogador mais extraordinário que joga aqui é um jogador extraordinário no Brasil é o Alex, que jogava (incompreensível). Tem outros jogadores que estão jogando aqui, que eu acho uma coisa extraordinária porque são poucos meninos pobres que viraram bons jogadores de futebol, que estão ganhando razoavelmente bem, que estão aprendendo a falar novas línguas, estão tendo acesso a novas culturas. Eu acho isso extraordinário, eu acho extraordinário. O que eu lamento profundamente é que o Brasil, que na década de 70 era o país onde se praticava o melhor futebol, hoje não é mais o Brasil que pratica o melhor futebol. Por quê? Porque o Brasil deixou de ser um país que praticava um bom futebol para ser um país fabricante de bons jogadores. Agora, quando ele [o jogador] tem 18 anos, ele não resiste aos dólares (incompreensível), ele não resiste ao dinheiro (incompreensível). Então, tem jogador brasileiro espalhado por todo lugar do mundo. E lá no Brasil só ficam até os 18 anos, quando faz 18 anos já é contratado para cá.

Então, tem uma coisa fantástica no futebol: o Brasil produziu craque que veio para cá com 18 anos e foi jovem na Seleção brasileira, sem nunca ter jogado com um time brasileiro, e volta para o Brasil depois dos 30 anos, como voltou o Ronaldo agora. O Ronaldo agora joga no meu time em São Paulo, é



artilheiro.

E eu fico feliz, porque acho que futebol é uma paixão do povo brasileiro, acho que é uma paixão do povo turco. Ou seja, é uma coisa extraordinária e eu acompanho muito, quando eu posso. Eu não gosto de ver o Corinthians na televisão para eu não ficar brigando com a tela da televisão. Agora não, porque eu posso assistir a decisão a qualquer hora da noite, e acompanho o futebol do mundo inteiro, acompanho porque eu gosto muito.

Jornalista: Qual é sua mensagem para o povo turco?

Presidente: Olha, uma mensagem que eu poderia dizer ao povo turco é que eles (incompreensível), que o atual estágio da relação Brasil e Turquia é muito pequeno diante do potencial dos dois países. Nós somos dois países extraordinariamente grandes, nós temos potencialidade de crescimento (incompreensível).

Eu, ontem, quando cheguei no hotel, em Istambul, encontrei um empresário brasileiro que estava em férias e estava simplesmente deslumbrado pela beleza de Istambul. Isso eu vou fazer questão de dizer ao povo brasileiro, já que tem vôo direto agora do Brasil à Turquia. E pedir ao povo turco para ir ao Brasil. O povo turco não pode deixar de conhecer o Rio de Janeiro, não pode deixar de conhecer o carnaval brasileiro, não pode deixar de conhecer a Amazônia, não pode deixar de conhecer o Pantanal, ou seja, nós temos coisas exuberantes.

Então, de um lado os brasileiros vêm para cá ver as coisas bonitas e fazer negócios, de outro lado vocês vão para lá. Ou seja, estejam certos que as nossas relações vão crescer muito e eu penso que nós vamos, daqui para frente, recuperar o tempo perdido.

Jornalista: Senhor Presidente, muito obrigado.



Presidente: Obrigado a vocês pela oportunidade.

(\$31DHJMQ)